

~~~~~ ENTREVISTA JN/TSF ~~~~~

# “Ciúmes da UGT por negociar com Montenegro? Nem de perto nem de longe”

**Tiago Oliveira** Secretário-geral da CGTP-IN prepara a greve geral e diz que primeiro-ministro, de repente, já está disponível

António José Gouveia  
e Judith Menezes e Sousa  
nacional@jn.pt

**TRABALHO** Tiago Oliveira, 45 anos, secretário-geral da CGTP há um ano e em contagem decrescente para a primeira greve geral conjunta com a UGT 12 anos depois, antecipa, em entrevista ao JN/TSF, a luta que a intersindical está a preparar contra o anteprojecto do pacote laboral proposto pelo Governo. É lacónico ao afirmar que “neste pacote laboral, nenhum patrão se insurgiu e fica bem patente a quem é que ele responde”.

**Ainda existe margem de manobra para que esta greve geral seja desconvocada?**

A CGTP tem sido firme desde o início. Passaram quatro meses da apresentação do anteprojecto deste pacote laboral. Em cima da mesa, a CGTP só tem um único documento: o documento inicial. Já está completamente interiorizada a dimensão do ataque que está em causa. E perante esta enormidade de alterações que estão neste pacote laboral, todas elas profundamente negativas para o mundo do trabalho, a CGTP tem uma posição concreta. Se há abertura para discutir, comecemos por aquilo que já hoje está na lei, que é profundamente negativo. Vamos começar a construir o caminho a partir daí. O Governo que retire este pacote laboral de cima da mesa. Se assim o fizer, pode contar com a CGTP.

**Acredita que a UGT vai ceder à pressão do Governo?**

A UGT está firme naquilo que é o posicionamento relativamente à rejeição do pacote laboral. Mas isso será sempre uma questão que será a UGT a definir. Aquilo que é o posicionamento da CGTP, esse também não muda, é o que os trabalhadores esperam de uma central sindical.

**Mas Luís Montenegro chamou a UGT a São Bento na próxima semana. É subir um patamar na negociação. Como vê este convite?**

As declarações do secretário-geral da UGT foram no sentido de que esta reunião tem por base um convite da própria UGT. Mas a questão central não está aí. Trazer agora o primeiro-ministro à discussão, do ponto de vista da CGTP, é irrelevante no processo. O primeiro-ministro é profundo conhecedor do conteúdo do mesmo, daquilo que é o ataque que está em causa e é o primeiro responsável. De repente, com a convocação da greve geral, já parece que há disponibilidade para tudo e

mais alguma coisa. O Governo não apresentou medidas avulsas. O que este Governo fez foi entregar, logo à partida, um pacote laboral de mais de cem medidas. É-nos indiferente se o primeiro-ministro entra no processo ou não.

**Concorda que a UGT está sob forte pressão do Governo? Ou seja, a CGTP, de alguma forma, tem ciúmes desta atenção que a UGT está a receber?**

Nem de perto nem de longe. E digo-lhe já qual é a grande pressão que a CGTP tem: é tudo fazer para construir um grande dia a 11 de dezembro. Uma grande greve geral. Temos centenas de plenários já marcados pelos mais diversos sindicatos. São milhares de trabalhadores que vão ser contactados. O nosso trabalho é informar, mobilizar e trazer os trabalhadores para a luta.

**Na última semana foram sendo conhecidos por parte do Governo alguns sinais para, de alguma forma, continuar a negociação...**

Para a CGTP, não. Quais são as medidas que o Governo propõe? Alargar os contratos de trabalho a prazo, contratos de trabalho a termo de dois para três anos e os contratos de trabalho a termo incerto de quatro para cinco anos. Ora, tudo isto a quem é que interessa? Não interessa a nenhum trabalhador. Tudo isto interessa aos patrões. A ministra, que relativamente à amamentação disse que não é razoável as

~~~~~  
“Obviamente que cada central sindical irá fazer o seu percurso da construção da greve geral a 11 de dezembro”
~~~~~





mães querem gozar duas horas de licença por dia (o que faz uma semana por mês) e chegar ao fim do mês e ganharem o mesmo, é a mesma que relativamente ao alargamento dos horários de trabalho para as empresas, as tais duas horas a mais por dia, não se preocupa. Aqui se vê o posicionamento daqueles que estão do lado dos trabalhadores e dos que estão do lado dos patrões.

**Porque é que a CGTP está a exigir a retirada total do pacote laboral, se muito possivelmente será politicamente inviável?**

Desafiámos a ministra, numa reunião, a indicar os pontos positivos que ela encontra no pacote laboral. Sabe qual foi a resposta? Encontrou duas medidas positivas. Se eu tivesse feito um pacote laboral e se me colocassem a mesma questão, como representante do Governo, diria que todo ele é positivo. Isto diz muito de quem não colocou uma única proposta da CGTP neste anteprojecto. A CGTP apresentou um conjunto de propostas e dissemos, cara a cara à ministra, que nenhuma vírgula, nenhum ponto de exclamação, nenhum ponto final, o Governo conseguiu ir buscar às propostas da CGTP.

**Como é que ouviu o candidato presidencial Marques Mendes dizer que a CGTP nunca tinha assinado um acordo de Concertação Social?**

Tenho a dizer que fiquei agradado porque não foi preciso recorrer a nenhum "fact-check" para comprovar que aquilo que o candidato Marques Mendes estava a afirmar era completamente falso. Mas, infelizmente, não é só ele que tem referido isso, são várias as personalidades que o têm feito. Se alguém pensa que estas declarações

são inocentes ou são na base de um engano, estão a pensar mal. A CGTP já assinou, em sede de Concertação Social, oito acordos e dois deles de extrema importância, um sobre contratação coletiva e outro sobre o salário mínimo nacional.

**Não parece que a CGTP assume uma posição irreduzível e que não quer negociar?**

Nós não controlamos esse espaço mediático. Aquilo que podemos fazer é tentar desmontar isso e passar a verdade dos factos. No passado dia 8, tivemos mais de cem mil trabalhadores nas ruas de Lisboa a lutar contra o pacote laboral.

**Tendo esta perspectiva, qual é a estimativa da CGTP para a adesão à greve geral?**

Já são mais de 50 as estruturas sindicais que aderiram à greve geral. Nós temos contactos praticamente diários com o conjunto alargado de sindicatos e, por isso, vamos ter uma grande greve geral. Ainda existe muito caminho para esclarecer. Há muito trabalhador que ainda não tem a verdadeira dimensão do ataque que está em curso, mas a convocação da greve geral já permitiu isso, romper com o silenciamento e trazer para a esfera pública esta discussão.

**Não receia que, de certa forma, a paragem do país devido à greve geral possa colocar a opinião pública contra as greves?**

É daquelas questões que o próprio Governo utiliza para apresentar uma das alterações que é o ataque ao direito à greve. Em maio deste ano, quando houve eleições, os trabalhadores da CP fizeram uma grande luta em pleno período eleitoral, e não podemos esquecer aquilo que foi a intervenção de Luís Monte-



**"Neste pacote laboral, nenhum patrão se insurgiu. Fica bem patente a quem é que ele responde"**

**"Com a convocação da greve geral, parece que há disponibilidade para tudo e mais alguma coisa"**



negro relativamente ao posicionamento sobre aquela greve, que a classificou como partidária.

**Que setores da economia, tanto do privado como do público, têm sido mais mobilizados para esta greve geral?**

Obviamente que há setores que, pela sua importância, têm um maior impacto na greve. O setor dos transportes tem um impacto maior pela dimensão que atinge. O setor da saúde e o setor da educação são, obviamente, setores que têm muito mais visibilidade e muito mais impacto na sua dimensão e da adesão à greve. Temos identificadas empresas prioritárias para intervir, onde é fundamental um trabalho direcionado para o êxito da greve. Não há nenhuma questão de dar prioridade a um ou a outro setor.

**Como avalia a proposta de serviços mínimos que o Governo poderá impor em alguns setores? A CGTP considera isso uma restrição ao direito à greve?**

Quando é emitido um pré-a-

viso de greve, há um conjunto de árbitros que define serviços mínimos. Temos setores públicos onde, pela fragilidade e falta de trabalhadores, os serviços mínimos que são decretados são sempre superiores ao normal funcionamento da instituição. O que o Governo faz com a questão da greve é alargar as áreas consideradas de necessidade social impreterível ao setor social e ao setor da alimentação. Seja isso o que for. Pode abranger todas as fábricas de produção de alimentos. Quer dizer que até as batatas fritas passam a ser necessidade social impreterível? Neste pacote laboral, nenhum patrão se insurgiu. Fica bem patente a quem é que ele responde.

**Há a preocupação por parte da CGTP com as retaliações dos patrões ou discriminação aos grevistas?**

Claro que existe. Sabemos bem qual é a relação, o que se passa hoje nas empresas e sabemos bem quais são as dificuldades. Mas temos de dizer com confiança aos trabalhadores que assumam aquilo que é um direito seu, que procurem uma vida diferente.

**Como é que foi conseguida esta convergência com a UGT? A última greve geral tinha sido há 12 anos, na altura Arménio Carlos liderava a CGTP. Falou com ele?**

Foi um processo em que as duas centrais perceberam, pela dimensão do ataque que está em curso, que havia necessidade de conversarem entre si. Passa-se a ideia de que isto é um acontecimento raríssimo. Logo aí se vê a dimensão do ataque em curso. Obviamente que cada central irá fazer o seu percurso da construção da greve. ●

OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA  
HOJE ÀS 12 HORAS NA TSF

